



## **OS EXTRATIVISTAS E SUAS PAISAGENS ALTERADAS: AS RELAÇÕES DE VIZINHANÇAS COMO FORTALECEDOR DO TERRITÓRIO**

Ricardo da Silva Costa

Rosselvelt José Santos

---

### **RESUMO**

A pesquisa decorre do relatório de pós-doutorado, o qual teve como origem o projeto financiado pela CAPES: DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SOCIOBIODIVERSIDADE: perspectivas para o mundo do Cerrado. O trabalho teve como objetivo a sociobiodiversidade dos povos tradicionais, nesse caso os extrativistas do município de Buritizeiro - MG. Na realização da pesquisa utilizamos os recursos técnicos, bancos de dados e conhecimento acumulado no Laboratório de Geografia Cultural (LAGECULT/UFU). Teórica e empiricamente estudamos as condições e situações socioterritorial e culturais dos povos tradicionais do Cerrado sob os processos de produção reprodução do agronegócio, inclusive considerando as tensões derivadas da inclusão das áreas de coletas de frutos do Cerrado.

**Palavras-chave:** Sociobiodiversidade; Extrativistas; Paisagem; Cerrado.

### **EXTRACIVISTS AND THEIR CHANGED LANDSCAPES: NEIGHBORHOOD RELATIONS AS A TERRITORY STRENGTHENER**

#### **ABSTRACT**

The research stems from the post doctoral report, which originated from the CAPES-funded project: TERRITORIAL DEVELOPMENT AND SOCIO-BIODIVERSITY: perspectives for the world of the Cerrado. The work had as objective the sociobiodiversity of traditional peoples, in this case the extractivists from the city of Buritizeiro - MG. In carrying out there search we used technical resources, data bases and

know ledge accumulated in the Cultural Geography Laboratory (LAGECULT/UFU). Theoretical lyand empirically, westudythe socio-territorial and cultural condition sand situation of the traditional peoples of the Cerrado under the production processes of agribusiness reproduction, including considering the tension sarising from the inclusão of Cerrado fruit collection areas.

**Keywords:** Sociobiodiversity; Extractivists; Landscape;Cerrado.

## **EXTRACIVISTS Y SUS PAISAJES CAMBIADOS: LAS RELACIONES VECINDARIAS COMO FORTALECIMIENTO DEL TERRITORIO**

### **RESUMEN**

La investigación surge del informe postdoctoral, que se originó en el proyecto financiado por CAPES: DESARROLLO TERRITORIAL Y SOCIO-BIODIVERSIDAD: perspectivas para el mundo del Cerrado. El trabajo tuvo como objetivo la sociobiodiversidad de los pueblos tradicionales, en este caso los extractivistas de la ciudad de Buritizeiro - MG. Para la realización de la investigación se utilizaron recursos técnicos, bases de datos y conocimientos acumulados en el Laboratorio de Geografía Cultural (LAGECULT / UFU). Teórica y empíricamente, se estudian las condiciones y situaciones socio-territoriales y culturales de los pueblos tradicionales del Cerrado bajo los procesos productivos de reproducción agroindustrial, considerando las tensiones derivadas de la inclusión de áreas de recolección de frutos del Cerrado.

Palabras-clave: Sociobiodiversidad; Extractivistas; Paisaje; Cerrado.

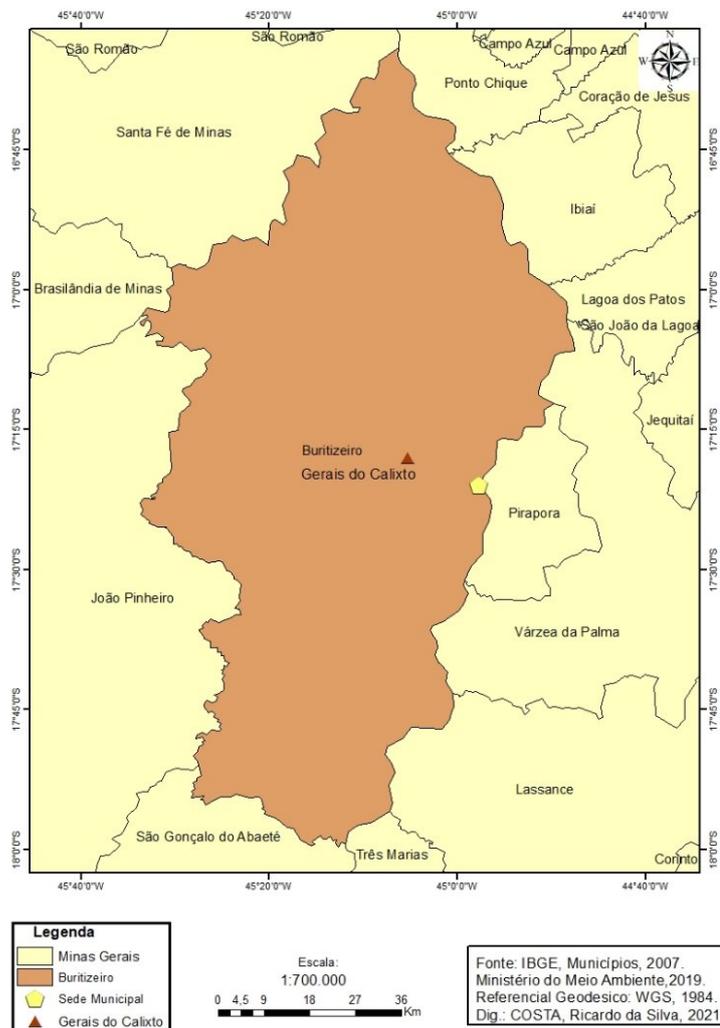
### **INTRODUÇÃO**

A pesquisa decorre de estágio pós-doutorado, vinculado ao projeto financiado pela CAPES: DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SOCIOBIODIVERSIDADE: perspectivas para o mundo do Cerrado. Na realização da pesquisa utilizamos os recursos técnicos, banco de imagens e experiências dos pesquisadores vinculados ao Laboratório de Geografia Cultural, bem como o acervo da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia. Nesses espaços procuramos suprir as necessidades teóricas e metodológicas da pesquisa.

Nosso recorte socioespacial, foi o município de Buritizeiro MG, mas precisamente a comunidade Gerais do Calixto (mapa 01). O topônimo encontra-se

relacionado ao nome do primeiro morador, o Sr. Calixto, atualmente (2021) a comunidade é formada pelos seus descendentes.

Mapa 01: Localização da Comunidade Gerais do Calixto – Buritizeiro MG.



Gerais do Calixto, em união com outras comunidades, almeja a efetivação do território extrativista. Como materialização de sua luta, as lideranças iniciaram em 2009 o processo de consolidação da Reserva Extrativista (RESEX). Segundo o Ministério do Meio Ambiente (s/d):

A Reserva Extrativista – RESEX é uma categoria de unidade de conservação de uso sustentável, estabelecida pela Lei 9.985/2000 (Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC). As RESEX são utilizadas por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na

agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade (BRASIL, s/d, s/p).

Apesar de a lei ter sido aprovada no ano 2000, a regulamentação das Reservas Extrativistas no Brasil, teve início em meados de 2011. A regulamentação ocorreu depois de onze anos da promulgação da lei, segundo o Ministério do Meio Ambiente (s/d) com a formação:

[...] de um grupo de trabalho (Portaria Interministerial nº 310, de 10/08/2011). O GT foi constituído por representantes do MMA, que o coordenou, do Ministério do Desenvolvimento Agrário, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio e da Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – CNPCT (BRASIL, s/d, s/p).

O Grupo de trabalho envolveu diversos órgãos do estado. No entanto, apesar dos extrativistas terem feito parte do grupo de trabalho, careceu de uma maior participação das comunidades. Também não se considerou que cada realidade é diferente e que cada grupo social em seus territórios demandam diversos tipos de usos, requerendo e demandando projetos que contemplem as suas demandas. Em síntese o uso do território pelas comunidades tradicionais vai depender dos saberes, fazeres, conhecimentos e experiências da sua gente, podendo ser extrativistas de sementes, madeira, frutos, dentre outros expedientes.

Enfatizando a importância do extrativismo, Homma (1982) considera que:

O processo extrativo sempre foi entendido como primeira forma de exploração econômica, limitando a coleta de produtos existentes na natureza [...] Muitas das antigas formas de extrativismo fazem parte hoje de culturas ou criações racionais, outras desapareceram, algumas estão em vias de processo de domesticação e novas atividades extrativas poderão surgir (HOMMA, 1982, p.251).

Refletindo sobre as considerações da autora e relacionando com os povos que comparecem na área de estudo, percebemos que os extrativistas elaboraram um conjunto saberes e procedimentos de extração e transformação dos frutos e plantas do Cerrado que vem sendo cultivados por décadas. Em Buritizeiro as mulheres reforçam a necessidade de manter o cerrado em pé e destacam que na colheita dos frutos para

elaboração de doces, geleias, poupas, sucos, sempre deixam 30% da coleta para que a mata se regenere.

Também identificamos a incorporação de tecnologias aos seus saberes, indicando que o modo de vida deles é mutável e ajustável as conquistas da sociedade. No caso do armazenamento dos frutos do cerrado, para garantir renda e trabalho o ano inteiro, assiste-se a incorporação de equipamentos de refrigeração. Contudo, são pessoas que vivem cotidianamente a insegurança territorial, pois convivem com tensões criadas pelas constantes invasões. Como ainda não obtiveram o reconhecimento do estado, tal situação não lhes afiança continuarem, no lugar, praticando o extrativismo.

### **Gerais do Calixto: A paisagem modificada pelo agronegócio**

Nas incursões ao campo, observamos e analisamos aquilo que estava ocorrendo no território e territorialidades dos extrativistas. Territórios constituídos a partir de relações sociais implicadas nos diversos usos do cerrado. Suas territorialidades comparecem nas práticas das famílias, com os vizinhos, nas suas trocas, religiosidades, nas relações que estabelecem a partir do extrativismo e com aqueles que vivem dele. Como resistem em territórios ameaçados pelos interesses capitalistas, as mutações das suas práticas socioprodutivas aparecem aludidas em inúmeras relações.

De acordo com Saquet (2008)

[...] entendemos o território e a territorialidade como multidimensionais e inerentes à vida na natureza e na sociedade. Na natureza, o homem vive relações. Na sociedade, o homem vive relações. Em ambas, o homem vive relações construindo um mundo objetivo e subjetivo, material e imaterial. O homem vive relações sociais, construção do território, interações e relações de poder; diferentes atividades cotidianas, que se revelam na construção de malhas, nós e redes, constituindo o território. A territorialidade efetiva-se em distintas escalas espaciais e varia no tempo através das relações de poder, das redes de circulação e comunicação, da dominação, das identidades, entre outras relações sociais realizadas entre sujeitos e entre estes com seu lugar de vida, tanto econômica como política e culturalmente (SAQUET, 2008, p.87).

O território criado e sustentado no dinamismo das práticas extrativistas também institui pertencas que lhes possibilitam oporem-se ao agronegócio. Segundo uma extrativista, “O Cerrado, é o nosso ar, nossa comida, é a nossa vida... Eucalipto? Não! Ele não tem nada pra gente.” As enormes plantações de eucalipto, cercaram o território das comunidades tradicionais extrativistas desde a década de 1970, impondo desmatamento e mutações as territorialidades daquelas comunidades. Assim, a reprodução ampliada do capital não ocasionou somente avanços tecnológicos na agropecuária praticada em territórios vizinhos aos extrativistas.

A derrubada do cerrado para o cultivo de eucalipto impactou severamente o modo de vida daqueles que vivem da coleta de frutos do Cerrado. Também excluiu várias famílias da atividade, pois retirou grande parte dos moradores da área rural. Trata-se de um jeito de viver vinculado ao Cerrado em pé, sem os frutos do cerrado não tem como continuarem tocando a vida, gerando renda e trabalho para as famílias. Contudo, não é somente a escassez dos frutos que fizeram e ainda fazem com que os extrativistas deixem de viver em seus territórios. Reclamam que não tem mais os vizinhos. Ser extrativista também está vinculado as relações de vizinhanças e tudo aquilo que essa instituição representa. Ela serve como base social de sustentação as famílias, tonando a permanência dos extrativistas ancoradas nas diversas formas de ajuda mútua, no mutirão, na troca de saberes, de serviços; tudo ou quase tudo vinculadas com as atividades de recolher frutos e transforma-los. Ela banca ainda as identidades, os casamentos, as festas, as reciprocidades, a resiliência, dentre outras relações sociais.

Além das relações entre vizinhos tornarem-se escassas, no cotidiano, os extrativistas tiveram que se adaptar para continuar com seus modos de vida. Uma das adaptações foi racionalizar a colheita de frutos e o seu armazenamento. O congelamento da polpa foi uma alternativa, inclusive para reativar as relações de cooperação comunitária.

De acordo com a entrevistada (2019)

Aqui tinha muito fruto, principalmente o Buriti, hoje oia pro ceis vê já tem pouco, tem muito lugar que ocê nem vê mais o pé de Buriti antigamente era cheio [...] aqui nois teve que congela a polpa do Buriti

e reunir com a polpa dos vizinhos, porque só a polpa do ano não dá para fazê doce (Entrevistada, 2019)<sup>1</sup>.

Juntar os resultados da safra, reunindo os vizinhos que permaneceram, indica que é possível reelaborar relações sociais que sempre foram vitais para a vida em comunidade. No caso analisado, se não tivesse mais o vizinho a polpa não seria suficiente para a fabricação de doces e viverem dos seus resultados.

Com relação as nossas leituras e interpretações da paisagem consideramos o quanto as suas formas poderiam revelar particularidades relacionadas aos modos de vida dos extrativistas em seu território. Nas suas narrativas referentes a vegetação, identificamos que ocorre um sentimento de perda quando o assunto são os frutos do cerrado. Assim, quando descrevem a vida no lugar, identidades e pertenças, acionam as suas memórias, valorizando na paisagem aquilo que se tinha, perpetrando denúncias sobre aquilo que se perdeu. Nesta perspectiva, nos diálogos, fazem comparecer uma vegetação que foi perdendo robustez, diversidade e fartura. Com o objetivo de expor tal sentimento retornamos a fala da extrativista: “[...] vê já tem pouco, tem muito lugar que ocê nem vê mais o pé de Buriti, antigamente era cheio [...]”. Segundo Claval (1999, p.25) “A paisagem encontra-se, algumas vezes valorizadas por si mesmas: deixa de ser somente uma expressão da vida social, toma uma dimensão estética ou funda a identidade do grupo”.

As perdas são decorrentes de práticas alheias aos seus modos de vida e que ao serem introduzido pelo de fora da comunidade, geralmente os pecuaristas, tornam, por exemplo, a queimada um incêndio impactante para a vida das pessoas. De acordo com o Entrevistado (2019),

Teve uma queimada feia aqui em 2018 [...] essa área que os buriti queimo, nois não pega mais fruto, porque nois dexa pra vê se nasce de novo, agora nois tem que ir mais longe busca os fruto, e fazé igual a minha muié te falo, tem que junta os fruto com o vizinho, se não, não dá a quantidade de fazê doce (Entrevistado, 2019)<sup>2</sup>.

Ameaçados pelos invasores e fragilizados por não contarem com o reconhecimento do território extrativista pelo estado, as famílias veem suas áreas serem abafadas e reocupadas pelo agronegócio, primeiramente pastagem, depois o cultivo do eucalipto. Quando dos trabalhos de campo presenciamos maquinários destinados para o

<sup>1</sup> Entrevista obtida a partir de trabalho empírico realizado no município de Buritizeiro no ano de 2019.

<sup>2</sup> Entrevista obtida através de trabalho empírico realizado no município de Buritizeiro no ano de 2019.

desmatamento radical do cerrado. Trata-se de implementos elaborados para realizarem o corte das raízes, além de já encontrarmos áreas limpas para pastagens (fotografia 01).

Fotografia 01 – Maquinário para corte das raízes da vegetação. 2019.



Fonte: COSTA, Ricardo da Silva. 2019.

O “rolo com ranhuras” é um equipamento arrastado pelo trator, tem como propósito quebrar a vegetação menor e cortar as raízes, fazendo com que amplie as dificuldades para o cerrado se regenerar. Com isso as espécies não conseguem rebrotar, fazendo com que as árvores e os frutos deixem de existir, acarretando crises, tensões, desalentos aos extrativistas. Sucumbir com a vegetação do cerrado atinge severamente a vida do extrativista. Além de deixar marcas profundas na paisagem, complica a existência social e territorial deles, comprometendo a identidade do grupo.

De acordo com o Entrevistado (2019):

Aqui nessa área tinha muita vegetação do Cerrado [...] primeiro vieram os trator com o correntão depois eles juntam ou põe fogo, aí depois vem esse rolo pra quebra as raízes (Entrevistado, 2019)<sup>3</sup>.

A descrição do processo de devastação daquela vegetação comparece como um lamento do extrativista. Nela também se reconhece a aniquilação e perda do território.

---

<sup>3</sup> Entrevista obtida através de trabalho empírico realizado no município de Buritizeiro no ano de 2019.

Constatamos que a área a qual teve sua vegetação suprimida era responsável pelo fornecimento de frutos e castanhas, principalmente a castanha do Baru.<sup>4</sup>

Diante de práticas tão devastadoras e comprometedoras as suas vidas, os extrativistas fazem comparecer as suas lógicas sociais, apresentando os seus conhecimentos e procedimentos em relação ao uso do Cerrado. De acordo com o entrevistado (2019):

Aqui o Baru serve pra um monte de coisa [...] noisfaiz doce de cortar, faiz pão, nois usa a castanha pra ajuda o sustento da casa [...] oia vê esse tanto de saco ai, se pensa que tiramos tudo, mais nois não tiro não noisdexa um pouco pros bichos e pra brotá, nois tem que cuidar pra não acaba [...] (Entrevistado, 2019)<sup>5</sup>.

Nas conversas constatamos que se tratava de uma colheita importante para duas famílias ganharem a vida. Apesar de colherem as castanhas juntos, o resultado era dividido proporcionalmente ao número de extrativistas.

De acordo com o Entrevistado:

[...] é mais fácil vim com mais gente pra ajuda recolhe o Baru, olha o tanto que precisa pra encher um saco [...] oia debaixo daquela árvore, nois deixa pra pode brotá [...] além de trazê minha família nois vem com outro companheiro que também faiz doce e usa o Baru [...] nenhum de nois tem carro ai nois paga pra leva esse sacos, de dois dá uma barateada no frete (Entrevistado, 2019)<sup>6</sup>.

Analisando a fala do Entrevistado, podemos compreender como ocorrem as relações de troca simples, de ajuda mútua, de reciprocidade, além dos cuidados, zelos para com o Cerrado. Nestes termos a sociobiodiversidade é um conjunto amplo, rico e complexo de práticas sociais que nascem e são processadas objetivando a vida em suas várias dimensões. Assim, nos parece importante destacar também que a sociobiodiversidade, na vida prática dos extrativistas, indica a importância de

---

<sup>4</sup>De acordo com sitio [www.Cerratinga.org.br](http://www.Cerratinga.org.br) “O Baru (nome científico: *Dipteryx alata*) é o fruto do baruzeiro, imperiosa árvore nativa do Cerrado brasileiro. Infelizmente, esta espécie está ameaçada devido à extração predatória de madeira, que possui reconhecida resistência e qualidade, com propriedades fungicidas. Esta planta imponente, com copa densa, pode alcançar mais de 20 metros de altura e seu tronco chega até 70 cm de diâmetro. O seu fruto é protegido por uma dura casca e, no interior, encontra-se uma amêndoa de sabor parecido com o do amendoim, de alto valor nutricional e muito apreciada”.

<sup>5</sup> Entrevista obtida através de trabalho empírico realizado no município de Buritizeiro no ano de 2019.

<sup>6</sup> Entrevista obtida através de trabalho empírico realizado no município de Buritizeiro no ano de 2019.

recusarmos em nossas pesquisas, dicotômicas, principalmente entre a natureza e sociedade.

Nessa área do Cerrado, os extrativistas compreenderam que manter o cerrado em pé depende da aplicação do conhecimento que eles detêm. A lógica social deles é reservar uma quantidade de frutos próximos as árvores, para que os animais não fiquem sem alimentos além de propiciar a possibilidade de germinação das sementes.

Trata-se de modos de vidas que indicam saberes e fazeres cunhados na relação com a natureza. Seu território é repleto de rugosidades culturais expostas nas paisagens como relações pautadas a partir do conhecimento e respeito aos ciclos da naturais do Cerrado. Na fotografia 02 registramos uma estrada que liga a cidade a comunidade Gerais do Calixto, ela cruza um córrego desprovido de ponte, dificultando o tráfego de pessoas e produtos, principalmente no período chuvoso.

Fotografia 02 – Córrego sem ponte – Comunidade do Calixto – Buritizeiro (2019)



Fonte: COSTA, Ricardo da Silva. 2019.

Na comunidade dos Gerais do Calixto os extrativistas expõem a importância de não intervirem nas áreas onde frutificam os frutos do cerrado. A experiência lhes ensina a não desmatar ou limpar o cerrado.

No entorno das residências, é o único local, na área, demarcada para ser RESEX que aparece sem vegetação. No quintal eles criam galinhas ou cultivam pequenos roçados, principalmente mandioca. As galinhas servem para suprir as necessidades de proteínas, fornecendo ovos e carne. Empenhados em gerar fartura, mandioca e ovos servem para fazerem quitandas.

Os extrativistas reúnem várias habilidades que lhes permitem estabelecer algum tipo de proteção em relação as adversidades derivados das suas práticas de manterem o cerrado em pé. Para protegerem as galinhas dos bichos da mata, autonomamente agem criando instalações adequadas. Assim, quando a família reconhece que é inviável criar gado no meio da mata, decide diversificar ou aumentar a criação de aves e encontram em seus familiares aptidões para realizarem os serviços de pedreiro e carpinteiro.

Tais habilidades foram identificadas no campo. Em nossas andanças, na casa de um extrativista topamos com parte da família trabalhando na ampliação do galinheiro. Ficamos algum tempo conversando, enquanto iam construindo uma parede para poder separar os animais por idade e protegê-los dos predadores.

De acordo com o Entrevistado:

Aqui nois não tem gado, oia pro ceis vê tem muito mato e não tem cerca se o cê solta gado vai ser difícil de achar [...] ai nois cria as galinha aqui nesse galinheiro fica os pintinhos e a noite nois fecha o resto, é perigoso dexa solto durante a noite os bicho pega elas (Entrevistado, 2019)<sup>7</sup>.

Identificamos na fala do extrativista que não dá para criar gado em um território pensado e inventado para a prática comunitária do extrativismo. Nele não há cercas, não existe delimitação individual da propriedade que comporte pastagem e cabeças de gado. Nas áreas de extrativismo a propriedade não é delimitada, o que é delimitado são os quintais. O cultivo mais comum nos quintais é o de mandioca. Comumente utilizada para fazer farinha e polvilho.

---

<sup>7</sup> Entrevista obtida através de trabalho empírico realizado no município de Buritizeiro no ano de 2019.

Durante a incursão empírica deparamos ainda com uma família “torrando farinha”, durante o período de torra os familiares se reúnem para conversar e contar histórias. De acordo com Entrevistada.

O trabalho de fazer farinha é muito cansativo, demora bastante [...] quando chega nessa parte de torrar o que tem que prestar atenção no ponto da farinha (ela não pode ficar úmida), mais dá uma alegria de ver o rendimento aí o que conversa conta causa. – Vocês cantam? – Quem gostava de cantar era a mãe eu não sei cantar, nós só conversamos [...] Aqui nós tira o biju pra comer com queijo e doce e faz a farinha, nós não vende mais se um vizinho precisar nós arruma pra ele (Entrevistada, 2019).

A família continua sendo fundamental para a realização daqueles fazeres. Nos encontros “da farinhada” também se fortalecem os vínculos com o território, os saberes, pois, é neles que ocorre a transmissão do conhecimento aos mais novos, por exemplo, de como definir o “ponto da farinha”. Na reunião familiar envolvendo a produção da farinha de mandioca identificamos a Mãe e o filho torrando a farinha, o Marido e um amigo cuidando do fogo. Também estava presente uma parente que veio participar para aprender e trocar conhecimentos.

Na farinhada há também aspecto de uma solidariedade entre vizinhos. Na fala da mãe identifica-se a preocupação com os vizinhos “*se um vizinho precisar nós arruma pra ele*”. Ajudar, poder ajudar e também receber ajuda é parte de um modo de vida repleto de formas de reciprocidades, solidariedades e mutualidades, característicos dos povos do Cerrado.

Manter, ampliar, refazer, diversificar relações com os vizinhos é uma das práticas dos extrativistas. Assim, a vizinhança continua, pois a rigor indica que não é possível individualmente ter todos os recursos necessários para praticar a vida social e produtiva naquele território. Destarte, aprenderam a ter no vizinho a possibilidade efetiva de resolverem as suas carências de ferramentas, mão de obra, alimentação, transporte, recursos técnicos, saberes, dentre outros. É na instituição vizinhança que a comunidade se apoia, é o que chamamos de relação de vizinhança.

No entanto, essa relação de vizinhança tem seus pilares basilares estremecidos com a reprodução do agronegócio no entorno do seu território. As grandes lavouras de

eucalipto e cultivos de pastagens em torno das áreas de coletas dos frutos do Cerrado ou mesmo no seu interior (como vimos anteriormente) a comunidade vai perdendo moradores e os vizinhos tornam-se escassos e cada vez mais separados.

De acordo com COSTA e SANTOS (2019)

Em síntese a preocupação dos povos tradicionais é manifestada em relação ao desrespeito que setores da sociedade proporcionam para com aqueles povos, com a vida no/do lugar. Em alguns lugares observamos que o uso dos agrotóxicos não respeita os limites territoriais ocupados pelos extrativistas, com isso ele chega até as comunidades, prejudicando a saúde e os seus cultivos. Nessa situação, os povos tradicionais compreendem que não há consideração aos seus jeitos de viver, as suas territorialidades.

Constatamos que o avanço do agronegócio, materializado nas paisagens das grandes lavouras e nas pastagens envolvendo a pecuária, no Cerrado, não produziu apenas grandes safras, mas tensões que envolvem pessoas que vivem e dependem dos recursos naturais do Cerrado (COSTA; SANTOS, 2019, s/p).

As áreas antes ocupadas apenas pela vegetação nativa estão minguando no Cerrado. Tal situação abalou e continua abalando fortemente as estruturas socioprodutivas e culturais dos extrativistas. Cientes da situação os extrativistas a partir da sua organização política “buscaram” a efetivação e regularização das áreas de coletas. Nessa luta foram reconhecendo a complexidade de interesses envolvidos na propriedade da terra e nos acessos aos recursos que ela abriga. Compreenderam que deveriam lutar dentro da lei do estado. Mesmo reconhecendo as a dificuldades continuam na luta pelo reconhecimento de seu território extrativista.

De acordo com o Entrevistado

Pensa os aperto que nois passava, o povo do governo que veio fazê os estudos sobre a reserva, chegô e veio fala comigo, eu que dava suporte [...] o povo das fazenda vinha e ameaçava, falava que devia para com aquilo se não podia acontecer alguma coisa comigo [...] as ameaça continuaram ficava com medo até que um dos técnicos falo que tinha falado com a federal (polícia) e se alguma coisa acontece com minha família ia vim prende eles [...] ai pararam, mais ainda fico com medo (Entrevistado, 2019) <sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Entrevista obtida através de trabalho empírico realizado no município de Buritizeiro no ano de 2019.

RESEX ou RDS são entendidas que representam a forma legal deles garantirem seus direitos de coletar os frutos do Cerrado e proteger o território dos demais interesses, principalmente, daqueles que se apresentam como donos de terra. Assim entende-se que a luta dos extrativistas é para garantir os usos do Cerrado ao mesmo tempo em que se opõem as diferentes formas de destruição da natureza. Ser a favor do Cerrado em pé é ser contra a apropriação individual dos recursos, a privação de acessos aos frutos do Cerrado, a retirada indiscriminada de vegetações protegidas, por exemplo, o pequi. Também é ser defensor da legislação ambiental e contra os abusos e ações comprometedoras do capital, do agronegócio que colocam em risco a sua existência no lugar.

### **Considerações finais**

As ações do capital agropecuário no território ocasionaram diversas mudanças. Como buscamos evidenciar no texto, elas compõem nas paisagens, deixando o espaço mais uniforme. As pastagens e a silvicultura de eucalipto são obras sob a lógica capitalista. Elas eliminaram as árvores de tronco retorcidos, tortas de raízes profundas, fazendo surgir campos, de milho, eucalipto e pastagens. Elas contrastam com a comunidade Gerais do Calixto, que apesar de produzir e comercializar diversos produtos mantém-se a partir de lógicas sociais diferentes. Elas constituem-se como comunidades que compreendem que a vida deles passa e se fundamenta pela defesa do Cerrado em pé. Suas famílias, primeiramente, não buscam “o lucro”, esquadriham farturas.

Muitas das questões relacionadas com a “falta de políticas públicas” ou mesmo com a problemática ambiental requerem análises rigorosas para compreendermos os destinos da sociobiodiversidade em nosso país. Assim, na área de estudo é urgente criar e ampliar as oposições em relação as ações dos agropecuaristas em “ilhar” as comunidades e com isso comprometer os modos de vida dos extrativistas e as formas que eles criaram para proteger o cerrado.

## **REFERÊNCIAS**

ABRAMOVAY, Ricardo. **De camponeses a agricultores: Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. Campinas, São Paulo - UNICAMP, 2002.

AB’SABER, A. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Atêlie Editorial, 2003.

BARROS, Rafael Silva de. Avaliação da Altimetria de Modelos Digitais de Elevação Obtidos a Partir de Sensores Orbitais [Rio de Janeiro], 2006 XIX, 172p.(IGEO/ UFRJ, D.Sc., Geografia, 2006. Tese – Universidade Federal do Rio de Janeiro, IGEO

BRASIL. **Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Presidência da República - Casa Civil. Brasília, 2003.

BRASIL. **Sociobiodiversidade**. Ministério Do Meio Ambiente. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/desenvolvimento-rural/sociobiodiversidade>. Acesso em 02/05/2019.

HELLER, Agnes. **Historia y vida cotidiana: aportación a la sociologiasocialista** . Trad. Manuel Sacristan. Editorial Grijalbo S.A. México, 1970.

HEIDRICH, A. L. “Territorialidades de exclusão e inclusão social”. In REGO, N., MOLL, J. & AIGNER, C. (Orgs.) **Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2006, pp. 21-44.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SAQUET, M. A. Proposições para estudos territoriais. **Revista GEOgrafia**– Ano VIII - N.15 -2006. p 71-85.

SANTOS, M. **O Espaço Geográfico Como Categoria Filosófica**. Terra Livre - Espaço em Questão nº 5, São Paulo: AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros. Co-edição com a Editora Marco Zero Ltda, 1988.

SANTOS, R. J. Pesquisa empírica e trabalho de campo: Algumas questões acerca do conhecimento geográfico. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, jan/dez 1999, pag. 111-125.

SANTOS, R. J. (Re) Ocupação do cerrado: Novas gentes, outras identidades. IN: ALMEIDA, Maria Geralda, CHAVEIRO, E. F. BRAGA, H. C. (orgs). **Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Impresso no Brasil, Goiânia, 2008.

SOUZA, Lucas Barbosa. CHAVEIRO, Eguimar Felício. Território, ambiente e modos de vida: conflitos entre o agronegócio e a Comunidade Quilombola de Morro de São João, Tocantins. **Revista Sociedade & Natureza** v.31 p.1-26, Uberlândia, MG, 2019. ISSN 1982-4513. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/SN-v31n1-2019-42482>

VIERGEVER, Marcel. **Plano de ação para prevenção e controle do desmatamento e queimadas do estado do Tocantins**. Ministério do Meio Ambiente, BRASÍLIA, 2009.

#### **Sítios da internet**

[www.incra.gov.br/](http://www.incra.gov.br/)

<http://www.mma.gov.br/>

**Ricardo da Silva Costa**

Formado em Geografia (licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Geografia na linha de pesquisa "gestão do território" pela Universidade Federal de Uberlândia, no Instituto de Geografia, orientado pelo professor Doutor Rosselvelt José Santos. Doutor em Geografia na linha de pesquisa "gestão do território" pela Universidade Federal de Uberlândia, no Instituto de Geografia, orientado pelo professor Doutor Rosselvelt José Santos. Estagiário do Laboratório de Geografia Cultural e Turismo orientado pelo professor Dr. Rosselvelt José Santos. Pós-doutorado em geografia, na Universidade Federal de Uberlândia. Atua nas áreas de Geomática, Geografia Cultural, Geografia Agrária, Educação e Metodologia em pesquisa. Trabalha com projetos de pesquisa em áreas de expansão da cana-de-açúcar no Triângulo Mineiro e manifestações étnico-religiosas no campo e na cidade.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3785-1832>

**Rosselvelt José Santos**

Geógrafo e Professor Titular do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Orientador Permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Coordenador do Laboratório de Geografia Cultural. Pesquisador da CAPES, CNPq, FAPEMIG e UFU. Bolsista de produtividade. Desenvolve projetos de pesquisa e extensão em Assentamentos de Reforma Agrária, Comunidades Rurais, Quilombolas e indígenas envolvendo os Lugares, os territórios, as territorialidades e os vínculos territoriais das populações tradicionais no bioma Cerrado. A agricultura camponesa é estudada a partir das suas resiliências; residualidades e do uso d' água envolvendo disputas territoriais. Atua nas áreas de Geografia Cultural, Geografia Agrária e Ensino de Geografia. É Diretor de documentários originados de projetos de pesquisa e extensão sob sua coordenação.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6377-8499>